



## A DIRETORIA DE HIDROGRAFIA E NAVEGAÇÃO RETRATADA PELA FILATELIA

Fernando Antonio B. F. de Athayde Bohrer \*

**A** presentaremos nesta edição da Revista do Clube Naval uma homenagem à centenária Diretoria de Hidrografia e Navegação (DHN), relatando parte da sua singradura por intermédio da filatelia. Não é intenção do autor aprofundar-se em sua história, já que grandes oficiais hidrógrafos já o fizeram. É intenção sim, mostrar aos nossos leitores como essa Diretoria Técnica, com o seu trabalho, foi referenciada no mundo dos selos pela sua importância no âmbito de nosso país.

### A DIRETORIA DE HIDROGRAFIA E NAVEGAÇÃO

O Brasil, após sua independência, recebeu uma herança da cartografia náutica estrangeira, onde destacamos a portuguesa e a francesa. É a partir de 1830 que aparecem os primeiros trabalhos sobre cartas náuticas levantadas por oficiais da Marinha do Brasil (MB). E aí destaca-se importante trabalho, o levantamento executado pelo Primeiro-Tenente Manuel Antonio Vital de Oliveira no litoral dos atuais estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Desse levantamento resultaram cinco cartas hidrográficas e um roteiro, cuja principal característica é a representação esmerada do litoral, apesar dos escassos recursos disponíveis à época.

Em 2 de fevereiro de 1876, o Imperador D. Pedro II criou a Repartição Hidrográfica do Ministério da Marinha, o embrião da atual DHN. Seu primeiro Diretor foi o Capitão de Fragata Antonio Luiz Von Hoonholtz, já Barão de Teffé, dirigindo-a até o ano de 1890. Sua tarefa principal era a confecção de cartas náuticas.



Homenagem da Turma de Guardas-Marinha da Escola Naval (GM-1970) ao Capitão de Fragata Antonio Luiz Von Hoonholtz, Barão de Teffé

Durante o ano de 1907 foi iniciada a publicação de cartas do litoral brasileiro, baseada na compilação de todas aquelas existentes.

Em 1914, essa Repartição Hidrográfica, agora designada de Superintendência de Navegação, foi instalada no Edifício da Ilha Fiscal, antigo Posto Fiscal da Alfândega do Rio de Janeiro.

Entretanto, o real desenvolvimento da hidrografia brasileira se deu nos anos pós-Grande Guerra, com a adoção de técnicas modernas, a renovação dos equipamentos e adequadas medidas

de caráter administrativo que vieram para prover as bases para a sistematização dos trabalhos hidrográficos<sup>(1)</sup>.

Por ocasião do centenário da DHN, em 1976, os Correios homenagearam a passagem desse importante evento, para a MB e para o Brasil, com a emissão de um Bloco Comemorativo (RHM 39) retratando a carta náutica de 1776, de Simão Antonio da Rosa Pinheiro. E aqui cabe um parêntese sobre a carta náutica que constituiu a magnífica peça filatélica do centenário da DHN. Era a Carta Náutica do Oceano Atlântico, feita em pergaminho, em 1776, pelo engenheiro militar português Simão Antonio da Rosa Pinheiro. Esse mapa representa as rotas náuticas, paralelos e meridianos entre a América do Sul e parte da África, da Europa e da América do Norte<sup>(2)</sup>.



**Ilha Fiscal:  
Sede Histórica da DHN**

## NAVIOS DA DHN

### NHi “SIRIUS” (H31)

O Navio Hidrográfico “Sirius” foi construído nos Estaleiros da “Ishikawagima”, em Tóquio, Japão, onde foi lançado ao mar em 1957, tendo sido incorporado à MB em 17 de janeiro de 1958. Foi o primeiro navio da MB projetado especificamente para o serviço de hidrografia e o primeiro a operar com helicópteros. Foi em seu convés de voo que ocorreu o primeiro pouso a bordo de uma aeronave de asa rotativa, em navio da MB.

Participou do levantamento oceanográfico do mar territorial da Namíbia, como parte do Tratado de Cooperação Naval com aquele país.



**NHi “Sirius” (H31)**



**Bloco Comemorativo e a Folhinha Comemorativa ao centenário da DHN, editada pelo Clube Filatélico do Brasil, com as oblitterações comemorativa e de primeiro dia de circulação**



**Envelope Comemorativo, editado pelo Clube Filatélico do Brasil, com as oblitterações comemorativa e de primeiro dia de circulação**

### NAPoC “BARÃO DE TEFFÉ” (H42)

O Navio de Apoio Oceanográfico “Barão de Teffé”, de origem dinamarquesa, com o nome de “Thala Dan”, foi adquirido pela MB para permitir o cumprimento das determinações do Tratado Antártico, sendo o primeiro navio da MB capaz de operar em regiões glaciais. Realizou a Primeira Expedição Brasileira à Antártica, suspendendo do Rio de Janeiro em 20 de dezembro de 1982.



**NAPoC “Barão de Teffé” (H42)**

## NApOc “ARY RONGEL” (H44)

O Navio de Apoio Oceanográfico “Ary Rongel” foi construído pelo Estaleiro “George Eide’s Sonner A/S”, em Hoydandsbygd, Noruega.



Entrou em operação naquele país em 22 de janeiro de 1981, tendo características próprias para navegar em região polar. Foi incorporado à Marinha do Brasil em 19 de abril de 1994.

NApOc  
“Ary Rongel” (H44)

## NPo “ALMIRANTE MAXIMIANO” (H41)

O Navio Polar “Almirante Maximiano” é o primeiro navio a ostentar esse nome na MB, em homenagem ao Almirante Maximiano Eduardo da Silva Fonseca, hidrógrafo de destaque e Ministro

da Marinha de 1979 a 1984. Foi construído pelo Estaleiro “Todd Pacific Shipyards Corporation”, em Seattle, Washington, onde o então casco número 58 teve a sua quilha batida em 20 de agosto de 1973 e lançado ao mar em 13 de fevereiro de 1974, sendo entregue em junho de 1974. Iniciou sua operação em 19 de dezembro de 1978.

O NPo “Almirante Maximiano” foi adquirido da empresa russa “ASK Subsea/Isis Viking Ltd” em 3 de setembro de 2008 e incorporado à Marinha do Brasil em 3 de fevereiro de 2009.



NPo “Almirante Maximiano” (H41)

## A SINALIZAÇÃO NÁUTICA

### INTERNATIONAL ASSOCIATION OF LIGHTHOUSE AUTHORITIES (IALA)

A IALA foi fundada em 1º de julho de 1957, com a adesão de vinte países, tendo o Brasil a ela aderido em 1961. Tem por objetivo promover o movimento seguro, econômico e eficiente de embarcações, por meio da melhoria e harmonização dos auxílios à navegação em todo o mundo

e outros meios apropriados, para o benefício da comunidade marítima e a proteção do meio ambiente. Sua sede está localizada na França, país de grande tradição marítima e com reconhecida cultura na área dos auxílios à navegação marítima, na cidade de Saint-Germain-en-Laye.



Saint-Germain-en-Laye,  
França – cidade sede da IALA



Dia Internacional dos Auxílios à Navegação Marítima (selo desenhado pelo Arquiteto e Aquarelista Mario Baratta, conforme orientação da DHN mostrando o Farol de Santo Antonio da Barra)



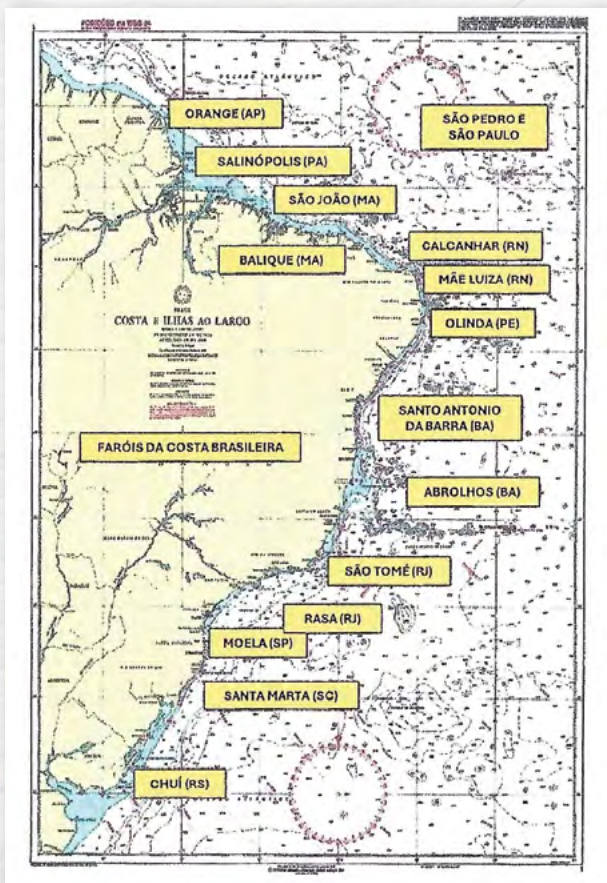
Selo Comemorativo à Reunião da IALA no Rio de Janeiro, em 2023 (selo desenhado na DHN, destacando em primeiro plano o Farol da Ilha Rasa, sobre perfil esquematizado das principais montanhas do Rio de Janeiro)

## CENTRO DE AUXÍLIOS À NAVEGAÇÃO ALMIRANTE MORAES REGO (CAMR)

No âmbito da Diretoria de Hidrografia e Navegação, a tarefa de gerenciar todos os auxílios à navegação, dentre eles os faróis da costa brasileira, é atribuída ao Centro de Auxílios à Navegação Almirante Moraes Rego, e por intermédio dele a representação brasileira na IALA.

## OS FARÓIS DO LITORAL BRASILEIRO REPRESENTADOS NA FILATELIA

Os faróis, pode-se considerar, são um dos mais antigos auxílios aos navegantes marítimos, no mundo.



Faróis do litoral brasileiro representados pela Filatelia

O farol também se constitui, na Filatelia, um assunto muito interessante para coleções temáticas. O autor, em sua coleção “A Navegação através dos tempos” possui um capítulo dedicado a selos e peças filatélicas referentes à “Segurança da Navegação Marítima” e aos “faróis”. A seguir,

apresento alguns selos brasileiros dedicados aos faróis do nosso litoral, muitos deles centenários e de bela arquitetura.



Farol Santo Antonio da Barra (BA)



Farol de Olinda (PE)



Farol São João (MA)



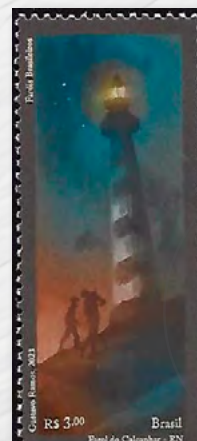
Abrolhos (BA)



Balique (MA)



Cabo Orange (AP)



Calcanhar (RN)



Chuí (RS)



Rasa (RJ)



Moela (SP)



Santa Marta (SC)



Salinópolis (PA)



Mãe Luiza (RN)



Barreirinha (PA)



Arquipélago São Pedro e São Paulo



Pedra do Sal (PI)



São Tomé (RJ)

## PALAVRAS FINAIS

A Diretoria de Hidrografia e Navegação com suas atividades diuturnas, de norte ao sul do Brasil, com seus navios operando dentro das Águas Jurisdicionais Brasileiras, incluindo as águas interiores, executa suas atividades de supervisão dos trabalhos de hidrografia, oceanografia, cartografia, meteorologia, navegação e sinalização náutica.

Com experiência sesquicentenária, pois em 2026 a DHN completará 150 anos, e reconhecimento internacional, hoje cumpre a missão primordial de “apoiar a aplicação do Poder Naval brasileiro a fim de contribuir para a Segurança da Navegação Marítima”.

Seu lema inscrito em seus estabelecimentos, navios e no seu belo hino – “*Restará sempre muito o que fazer*” – demonstra seu compromisso com a Marinha do Brasil e o nosso país.

Todos os selos e peças filatélicas apresentados no presente artigo foram digitalizados das coleções filatélicas do autor “*A Marinha do Brasil e o Poder Naval Brasileiro: das Ideias da Escola de Sagres ao Século XXI*” e “*A Navegação através dos tempos*”. ■

## NOTAS

(1) Extrato do texto escrito pelo Contra-Almirante ORLANDO AUGUSTO AMARAL AFFONSO, Diretor de Hidrografia e Navegação no ano do centenário da DHN, em 1976.

(2) Referência: <https://www.revistapesquisa.fapesp.br/as-surpresas-dos-mapas-antigos/>, consultado às 21:31h de 15/08/2025.

\* Capitão de Mar e Guerra (Ref°)